

MULHERES EM R
SOCIABILIDADE, MORALIDADE E NARR
BIOGRÁFICAS DE LÉSBICAS NO PIAU
MARA

MULHERES EM REDE:
SOCIABILIDADE, MORALIDADE E
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE LÉSBICAS
NO PIAUÍ E NO MARANHÃO

FABIANO DE SOUZA GONTIJO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM, BRASIL

PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, BRASIL

MULHERES EM REDE: SOCIABILIDADE, MORALIDADE E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE LÉSBICAS NO PIAUÍ E NO MARANHÃO

Resumo

O artigo apresenta algumas narrativas biográficas de lésbicas que vivem em Teresina e São Luís. Tem como objetivo iniciar uma reflexão acerca das experiências cotidianas de mulheres que se relacionam afetivamente com mulheres e que pertencem a camadas médias urbanas de contextos periféricos. A partir daí, pensa-se na possibilidade de atualização dos sistemas de representações sobre a sexualidade masculina propostos por Peter Fry nas décadas de 1970 e 1980, com base nas moralidades estruturadoras das redes de sociabilidade das mulheres envolvidas.

Palavras-chave: lésbicas, narrativas biográficas, redes de sociabilidade, moralidade

WOMEN NETWORKING: SOCIABILITY, MORALITY, AND BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF LESBIANS IN PIAUÍ AND MARANHÃO

Abstract

This text presents some biographical narratives of lesbians who live in Teresina (Piau) and São Luís (Maranhão), with the aim of starting a reflexion about their everyday experiences as women that love other women and, therefrom, thinking about the possibility of updating the theory of the system of representations about male sexuality in Brazil proposed by Peter Fry in the 1970s and 1980s considering the moralities that structure the sociability network of these lesbians.

Keywords: lesbians, biographical narratives, sociability network, morality

MUJERES EN RED: SOCIABILIDAD, MORALIDAD Y NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE LÉSBICAS EN PIAUÍ E EN MARANHÃO

Resumen

Ese artículo presenta algunas narrativas biográficas de lésbicas que viven en Teresina y São Luís. Tiene como objetivo empezar una reflexión acerca de las experiencias cotidianas de mujeres que se relacionan afectivamente con mujeres e que pertenecen a camadas medias urbanas de contextos periféricos. A partir de ahí, se piensa en la posibilidad de actualizar los sistemas de representaciones sobre la sexualidad masculina propuestos por Peter Fry en las décadas de 1970 y 1980, con base en las moralidades estructuradoras de las redes de sociabilidad de las mujeres afectadas.

Palabras-clave: lésbicas, narrativas biográficas, redes de sociabilidad, moralidad

Endereço do primeiro autor para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Correa, 1. CEP 6675-110 - Belém/PA. E-mail: fgontijo@hotmail.com

Em 2014, a pesquisa de campo etnográfica que gerou o artigo seminal de Peter Fry intitulado *Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros* – publicado inicialmente em inglês sob a forma de comunicação apresentada em congresso – completa quarenta anos (Fry 1982a). A pesquisa partiu dos questionamentos apresentados por Ruth Landes trinta anos antes, publicados em seu polêmico artigo *Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina* (Landes 1967). A pesquisa de Fry foi realizada em locais de “cultos de possessão afro-brasileira” na cidade de Belém, capital do Pará. Nessa pesquisa, Fry (1982a) trata da relação entre homossexualidade e religiosidade, propondo um esboço do que chamará de sistema de representação hierárquico da sexualidade masculina, comum em cidades do Norte e Nordeste brasileiros, assim como nas periferias dos grandes centros urbanos industrializados do Sul e do Sudeste.

A questão seria aprofundada pelo autor em outro artigo intitulado *Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*, no qual avança o estudo sobre os sistemas de representações da sexualidade masculina que contribuiria para o estudo da sociedade brasileira como um todo, visto que os sistemas de representações são produzidos em um contexto político.

Analisando o “que as pessoas dizem que fazem e o que acham que deveria ser feito” no tocante à sexualidade (Fry 1982b: 88-89), o autor identifica alguns modelos da articulação entre sexo fisiológico (“atributos físicos que distinguem machos e fêmeas”), papel de gênero (referentes “ao comportamento, aos traços de personalidade e às expectativas sociais associadas normalmente ao *papel* masculino ou feminino”), comportamento sexual (“comportamento sexual esperado de uma determinada iden-

tidade”, como atividade e passividade) e orientação sexual (“sexo fisiológico do objeto de desejo sexual”, ou seja, homossexual, heterossexual ou bissexual) (Fry 1982b: 89-91).

O autor desemboca em dois grandes modelos ou sistemas de classificação: por um lado, o *modelo hiéruquico*, que divide o mundo em “homens” e “bichas” e, por outro, um *modelo* mais simétrico ou *igualitário*, que divide o mundo em homossexuais, homens heterossexuais e bissexuais. Enquanto o primeiro modelo encontra sua origem na história colonial brasileira e seria, no momento da escrita do artigo, “bastante hegemônico nas classes mais baixas e no interior do país” (Fry 1982b:93), o segundo modelo, por sua vez, é oriundo do sistema médico-científico que produz a “condição homossexual” e alastra pelas camadas médias urbanas dos grandes centros brasileiros, representando a modernidade e a vanguarda em termos comportamentais.

Os movimentos políticos homossexuais das décadas de 1970 e 1980 no Brasil se servem do segundo modelo, segundo Fry (1982b), o que gerou, naquele momento, uma tensão (política) entre as tendências identitárias dos movimentos e as experiências homossexuais efetivas (mais próximas do modelo hierárquico¹).

Os escritos de Fry (1982a, 1982b), assim como os de Fry e MacRae (1982), assim como, as obras de Guimarães (2004 [1977]), Parker (1986), Perlongher (1987), Mott (1987a, 1987b), Muniz de Oliveira (1992), Heilborn (1996, 2004 [1992]) e Costa (1992), dentre outras, contribuíram decisivamente para a *instituição* do campo dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil. Mas, quase sempre, (homo)sexualidade *masculina* ou com viés *masculino*...

Até as publicações dos autores citados, os

estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil, de maneira geral, poderiam ser agrupados em três áreas: a primeira abrange os estudos da área das ciências biomédicas (incluindo a psicologia e as áreas correlatas), que visavam a demarcação acadêmica das áreas científicas no Brasil, tipologizando as práticas – e identidades a elas atreladas – *patológicas*; a segunda engloba os estudos realizados na grande área das ciências humanas (incluindo a filosofia), tentando tipologizar as práticas – e identidades a elas atreladas – *normais*, com designações de sociabilidades *anormais*. Enquanto os primeiros estudos são continuados, os outros são esporádicos, sem grandes efeitos ou com efeitos efêmeros na consolidação tanto da área das ciências humanas, como de um campo de saberes autônomo sobre sexualidades. Enfim, a terceira reúne os estudos da área de literatura (incluindo os ensaios jornalísticos realistas e naturalistas), com um número mais extenso de obras que abordam direta ou indiretamente (nomeadamente ou não) as experiências sexuais, muito diversas e bem particulares, de setores da população brasileira e a relação dessas experiências com os modos de vida desses setores, seja como objeto principal da obra, seja como elemento tangencial ao objeto principal, como fruto de uma reflexão moral (*O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, 1895) ou como relato de vivências mundanas divergentes, estigmatizadas e periféricas (*Capitães de Areia*, de Jorge Amado, 1937).

Ao mesmo tempo em que os estudos médicos encaravam as sexualidades “divergentes” como problemas a serem corrigidos e tratados, as ciências humanas as viam como curiosidades das camadas populares, geralmente negras, periféricas, umbandistas e prostituídas. A literatura, por sua vez, as via como “fatos” e “experiências” a serem relatados, ainda que com subterfúgios ardilosos para a emissão de juízos morais

(de cunho médico e/ou filosófico). Com algumas poucas exceções, as experiências lésbicas não pareciam ser o alvo de interesse desses estudos.

Os estudos instituidores de uma nova abordagem das (homo)sexualidades de Fry, realizados e publicados nas décadas de 1970 e 1980, aparecem no mesmo momento em que os movimentos homossexuais brasileiros estão se estruturando, assim como outros movimentos sociais – dentre os quais, o feminista – baseados na igualdade de direitos de indivíduos, tais movimentos, segundo o autor, “são constitutivos do processo de diferenciação da sociedade brasileira e surgem da experiência social dessas camadas da classe média em formação” (Fry 1982b:110).

Mas, se o movimento homossexual se desenvolve em diálogo com a produção acadêmica – geralmente crítica em relação ao movimento, como se nota no artigo seminal de MacRae (1982) –, o movimento de lésbicas, que se destaca em certa medida do movimento homossexual nesses primeiros momentos (Facchini 2003), não parece interagir com estudos acadêmicos, pelo simples fato de (quase) não haver estudos sobre a questão – como se não fosse relevante estudar as experiências lésbicas ou como se estudar a (homo)sexualidade masculina já abrangesse “naturalmente” as (desconsideradas) especificidades lésbicas³.

Para além dos trabalhos pioneiros de Mott (1987) e Muniz de Oliveira (1992), as representações sobre a sexualidade feminina e as experiências lésbicas começam a ganhar certa visibilidade, ainda que tímida, a partir da década de 2000, quando algumas comunicações são apresentadas em congressos e encontros, além disso, artigos são publicados em periódicos e em anais de eventos, ademais, dissertações de mestrado e teses de doutorado são defendidas em programas de pós-graduação na área

das ciências humanas (e afins) nos grandes centros universitários das regiões Sudeste e Sul do Brasil⁴.

Alguma lacuna ainda persiste, porém, no que diz respeito às vivências da homossexualidade feminina em contextos que chamaremos provisoriamente de “periféricos”, ou seja, nas regiões Norte e Nordeste, nas áreas rurais ou menos urbanizadas e em territórios etnicamente diferenciados (quilombos e comunidades indígenas) – ali onde predominava, segundo Fry (1982b), o modelo hierárquico⁵.

No âmbito de uma pesquisa mais ampla que visa a delimitação do universo simbólico – socialmente construído e culturalmente formulado – e que sirva de referência para a ordenação das representações sobre sexualidade e para a organização das experiências homossexuais nesses contextos “periféricos”, realizamos, ao longo de 2012 e 2013, algumas entrevistas e observações que nos permitiram reconstituir as trajetórias de vida e as redes de sociabilidade de mulheres que se relacionam afetivamente com outras mulheres nas capitais dos estados do Piauí (Teresina) e Maranhão (São Luís).

As entrevistas foram tratadas como narrativas biográficas (Bauman 1986) ou etnobiografias (Feal 1990, Gonçalves et al. 2012) focadas nas performances de gênero (Butler 1990). Como as pessoas entrevistadas se relacionavam entre si, pudemos esboçar uma tentativa de reconstituição de suas redes de relacionamentos como “social networks” (Mitchell 1974, Bott 1976, Gluckman 1976⁶).

Tentaremos apresentar os primeiros resultados de uma parte dessa pesquisa, trazendo elementos para incitar a reflexão sobre a operacionalidade dos modelos propostos por Fry para a compreensão das experiências sustentadas por sistemas de repre-

sentações sobre a sexualidade nos dias de hoje em contextos “periféricos”.

Os sujeitos de nossa pesquisa são mulheres encontradas nas camadas médias de Teresina e de São Luís e que atuam em duas interessantes redes de sociabilidade ou “social networks” que compararemos a partir daqui.

Sem inicialmente termos a intenção de definir as redes de nossas interlocutoras, acabamos nos surpreendendo com as articulações entre as trajetórias biográficas reconstituídas, com a articulação da rede piauiense com a rede maranhense, acompanhando nossas entrevistadas, ao percebermos, alguns meses depois das entrevistas, que algumas mulheres de uma rede já tinham se relacionado ou estavam se relacionando com mulheres da outra rede.

Natasaha seria o ponto de partida ou agente central de uma rede composta, sobretudo, por mulheres. Fomos introduzidos nessa rede em São Luís por Bárbara, primeira namorada de Natasha⁸.

Natasha é natural da capital maranhense. Nasceu em 1984, em uma família tradicional de empresários, médicos e advogados bem sucedidos. Seu irmão, um pouco mais velho, e seu tio, bem mais velho, também se dizem homossexuais (nós os entrevistamos para outra pesquisa). Atualmente, mora com esse irmão, uma irmã e seus pais em uma mansão na área nobre de Quintas do Calhau. No momento da entrevista, Natasha havia se mudado de volta para São Luís fazia pouco mais de quatro meses, depois de cinco anos passados em São Paulo, e estava reestruturando sua rede de amizades na capital maranhense.

Natasha diz que desde criança se sente mais atraída por meninas e conta que teve duas *namoradinhas* na escola quando tinha cinco e seis anos. Mas, também se diz muito atraída afetivamente por rapazes, apesar

de afirmar não gostar de relações sexuais com homens. Durante a adolescência, diz ter beijado muito, tanto meninos quanto meninas. Mesmo tendo um seletivo grupo de amigas que se dizem lésbicas, Natasha faz questão de dizer que a maioria de seus amigos hoje em dia é do sexo masculino.

Quando tinha 16 anos, Natasha flertou com uma menina nas ruas e becos da Praia Grande, centro histórico de São Luís, durante um dos inúmeros eventos que acontecem por ali nos finais de semana. Não chegou a falar com a moça. Natasha disse ter sido atormentada pelo desejo de estar com essa moça, “uma estranha”. Em outra ocasião, quando estava com os pais, reviu a mesma moça, mas também não se abordaram. Na terceira vez que a viu, resolveu iniciar uma conversa e elas se tocaram. Apesar de não terem tido relações sexuais, para Natasha, esses toques pareceram ser a confirmação de sua sexualidade “diferente”.

A partir daí, Natasha se envolveu “seriamente” com outra moça, Bárbara, também de origem *abastada*, com a qual namorou durante dois anos. Elas cursaram o Bacharelado em Direito em uma faculdade particular de São Luís, faziam todas as tarefas juntas, viajavam, frequentavam a casa uma da outra, gostavam da família uma da outra... Mas, Natasha preferiu terminar o relacionamento, por se sentir atraída por outras moças. Mesmo tendo tido a iniciativa de terminar o relacionamento, diz ter sofrido muito, por arrependimento. O sofrimento chamou a atenção de sua mãe, que lhe perguntou o que estava acontecendo e Natasha se sentiu na obrigação de confirmar a suspeita da mãe de que a filha tinha se envolvido afetivamente com outra pessoa do mesmo sexo. A reação da mãe, segundo Natasha, foi a de certa tristeza, em um primeiro momento, seguida de “aceitação e carinho”. Seu pai soube de

sua sexualidade “diferente” logo em seguida, mas nunca comentou nada a respeito. Seus irmãos souberam desde muito cedo, pois saíam para as festas nos finais de semana juntos e Natasha sempre foi “assanhadinha”, como ela mesma se define.

Desde então, Natasha decidiu ir morar em São Paulo para tentar esquecer Bárbara. Morou com uma tia, até a chegada da irmã, que também foi para São Paulo para estudar, quando os pais compraram um apartamento para as filhas. Em São Paulo, Natasha revela que “aí eu pude mesmo ser eu, andar de mãos dadas com minhas namoradinhas”. Diz ter namorado muito, com homens e mulheres: “eu gosto de mulher, meu problema com o homem é o sexo, porque eu adoro homens, meus melhores amigos são homens, eu acho bonito, acho lindo, sabe eu percebo homem, eu admiro, mas, não tenho tesão assim.”

Antes de se mudar para São Paulo, Natasha havia conhecido, em São Luís, uma mulher que morava em São Paulo, casada, “bem sucedida”, vinte anos mais velha. As duas tiveram um relacionamento curto, passaram um mês em contato por telefone. Quando Natasha chegou em São Paulo, trabalhou com essa mulher, na área de moda e estilo, tomou gosto pelo tema.

Quanto à relação com essa mulher, Natasha conta que:

“A gente tinha uma coisa muito forte, uma ligação; eu a admirava demais, a gente trocava muita coisa. Ela era 20 anos mais velha do que eu, eu era uma menina que tinha coisas pra dar pra ela, ela era uma mulher que tinha coisas pra dar pra mim, de experiência, de música, de conhecimento de mundo, de coisas que ela já tinha visto e eu não, ela me mostrava; coisas que eu já tinha visto e ela não, eu

mostrava pra ela”.

Natasha se sentia, no entanto, um pouco incomodada:

“Eu era amante né, a mulher não era minha; ela me fazia feliz algumas vezes, outra hora não tinha como pensar, eu quero dormir com a pessoa que eu gosto hoje e ela tá lá dormindo com o marido né, mas foi muito importante, eu aprendi pra caralho e assim, nós ficamos cinco anos juntas sem estar juntas”.

Durante os cinco anos passados em São Paulo, Natasha relata que por três períodos ficou “separada dessa mulher mais velha”, períodos em que teve outras namoradas, que saíam para as baladas, andavam de mãos dadas e faziam essas coisas que ela dizia sentir falta na outra. Por fim, no último ano em São Paulo, conheceu uma mulher um pouco mais nova, com quem chegou a morar: “era mais nova, uma menina super problemática que eu achava que iria resolver a vida dela, mas no final, ela era quem estava acabando com a minha”. As duas se conheceram na faculdade. Natasha já estava nos últimos períodos do curso de Moda em uma faculdade particular. O problema maior da nova companheira era o envolvimento com drogas.

A saudade da família foi um fator que fez Natasha voltar para São Luís, pois, sentiu necessidade de estar ao lado dos pais. Os problemas com a namorada paulista e sua família acentuaram a situação.

Natasha conta que consultou sua mãe antes de decidir voltar para São Luís, e sua mãe lhe disse:

“Minha filha, queremos muito que você volte, não ligamos para a sociedade; amamos você de todo jeito; sabemos que você é danadinha,

que não vai ficar se escondendo; que você não tem vergonha de ser o que é, você não tem medo de ser o que é; apoiamos você; só não queremos que você se exponha, se vulgarize, nem eu, nem seu pai queremos isso”.

Em termos profissionais, ela diz que ainda não consegue ganhar dinheiro em São Luís na área de Moda, ainda que esteja trabalhando em dois lugares. Por gostar de pinturas e desenhos, foi convidada por uma psicóloga para trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social, ensinando pintura e desenho para crianças, trabalho voluntário. Trabalha ainda produzindo uma coluna de moda e para um site de moda, ambos locais. Assim, continua sendo “sustentada” pelos pais, como em São Paulo, quando “meus pais me sustentavam e o dinheiro que eu ganhava era pra viver assim. Eles pagavam minhas contas e o meu dinheiro era pra sair, pra jantar, pra balada, cinema”.

Natasha revela que desde que chegou a São Luís está “pegando” e “ficando” com várias pessoas: “eu tô ficando com quem me interessa mesmo e não por quem se interessa por mim”. Quando compara São Luís com São Paulo, afirma:

“Aqui [em São Luís] tem muita gente incubada, mas o lugar que eu vivia lá era num quadrilátero gay, né, vivia na Liberdade, perto da Augusta, então, assim, ninguém se reprimia lá. Aqui, teve uma menina outro dia que ela botava assim no facebook tô muito apaixonada’, porque ela estava namorando um cara, e me sugeria em off amizade colorida! Quem tá muito apaixonada pelo seu namorado não sugere amizade colorida pra ninguém, não”.

Argumenta que não se considera uma pessoa careta, hermética, fechada e que acredita que uma pessoa possa viver o “poliamor, amar dez pessoas ao mesmo tempo”. O amor é definido como: “cumplicidade, admiração, é vontade de estar perto, é respeito. Respeito é fundamental em qualquer relação. Companheirismo, afeto também, carinho é isso, você admirar a outra pessoa”. Apesar de falar de poliamor, Natasha diz que a traição “é a pior das práticas num relacionamento a dois”...

Afirma que sempre lutará por duas causas: a primeira é sua família, não quer mais sair da casa dos pais e pensa em viver sempre com eles, mesmo que venha a se apaixonar por alguém; a outra, é a causa “LGBTT”, mesmo não sendo militante,

“porque se for para ser melhor no futuro, pra os que vem depois de mim, eu faço tudo, cara. Eu não sou tão ativista quanto eu queria ser. Sempre fui nas passeatas, nas caminhadas, mas sei que a gente vem de uma caminhada muito longa e a gente tá conquistando algo, aqui no Maranhão é muito mais devagar do que em muito lugares, mas se tu olhar hoje em dia tem muita gente gay aqui, sempre teve, o volume é muito grande de homossexuais aqui, mas hoje em dia tu olha as pessoas de mãos dadas nas ruas, tu ver tipo, duas meninas num bar e demonstrando claramente que não [são] amigas sabe; elas se abraçam e pegam no rosto, beija na boca, sabe...normal, como tem que ser, porque é”.

Indagada sobre a diferença entre uma relação heterossexual e uma relação homossexual, afirma que, apesar das mudanças sobre igualdade de gênero, ainda percebe muitas mulheres submissas aos maridos, enquanto em um relacionamento entre

lésbicas parece haver mais consenso para as tarefas e menos assimetria.

Na mansão de Natasha, entrevistamos Luana, uma das melhores amigas de Natasha. Luana namora Carla. As trajetórias do casal ludovicence Luana e Carla se assemelham, em muitos aspectos, com as trajetórias do casal teresinense Dara e Fabrícia: Luana e Dara têm mais de dez anos de idade de diferença em relação a suas companheiras Carla e Fabrícia. Quando os casais se formaram, as primeiras já possuíam emprego “fixo”, apartamento e automóveis próprios, estabilidade financeira e experiência adquirida de outros relacionamentos homossexuais duradouros, enquanto Carla e Fabrícia estavam se iniciando nos relacionamentos homossexuais e apresentavam certa instabilidade financeira.

Dara, atualmente residente em Teresina, é originária de uma cidade média do centro-leste piauiense que teve grande importância comercial no período colonial. Nasceu em 1969, em uma família tradicional de forte expressão política. Foi mandada para a capital piauiense para cursar o Ensino Médio e, em seguida, o Bacharelado em Serviço Social na Universidade Federal do Piauí (seu trabalho de conclusão de curso foi fruto de uma pesquisa pioneira sobre os espaços de sociabilidade frequentados por homossexuais em Teresina, considerado o primeiro estudo do gênero no Piauí). Após a conclusão do curso, mudou-se para Barcelona, Espanha, onde morou com amigos durante alguns anos. A experiência catalã despertou em Dara o desejo de cursar uma licenciatura em espanhol, curso realizado na Universidade Estadual do Piauí. Hoje, Dara dá aulas de espanhol em escolas particulares renomadas de Teresina e em algumas faculdades particulares.

Luana, por sua vez, é originária do interior de Pernambuco. Nasceu em 1979, em uma família de funcionários públicos. Aos 15

anos, amargou a morte do pai e do irmão. Ainda em Araripina, no interior de Pernambuco, iniciou um curso universitário de Letras e terminou um curso técnico de contabilidade. Aos 18 anos, recebeu o convite de sua primeira namorada para morar em São Luís. Na capital maranhense, cursou Administração, fez pós-graduação em Gestão de Pessoal, foi bancária concursada e, atualmente, é analista do Tribunal de Justiça e está terminando o curso de Direito em uma faculdade particular.

Em comum, Dara e Luana têm a trajetória ascensional baseada no emprego estável: para Dara, “ter um emprego era meu grande sonho, a possibilidade de poder me sustentar” e para Luana:

“Sempre fui muito madura, eu costumo dizer que eu não tive adolescência, porque, assim, eu nunca fui uma adolescente inconsequente, nunca me permiti beber, cair, levantar; assumi responsabilidade muito cedo querendo trabalhar e ganhar dinheiro pra viver a minha vida, por conta disso eu exijo muito dos outros”.

Fabírcia, atual namorada de Dara, nascida em 1979 em Teresina, é originária de uma família de militares. Estudou nas melhores escolas particulares da cidade, ganhava uma mesada confortável, desde muito cedo teve carro à disposição, celular e aparelhos eletrônicos “da moda” e viajou diversas vezes para os Estados Unidos e outros países. Já Carla, atual namorada de Luana, nasceu em Imperatriz, no interior do Maranhão, em 1993, originária de uma família pobre – o pai era mototaxista e a mãe, doméstica. A família se mudou para São Luís em busca de melhores condições de vida quando Carla tinha 11 anos. Estudou em escolas públicas, mas conseguiu uma vaga para cursar Direito em uma faculdade particular, onde conheceu Luana.

Conta que quando a família chegou em São Luís, vendia guaraná da Amazônia. Com o dinheiro economizado, a família conseguiu comprar um pequeno apartamento no bairro popular do Coroado e um carro que o pai usa para trabalhar como taxista. A irmã cursou Enfermagem, também em faculdade particular, e ainda mora com os pais, enquanto o irmão, segundo ela, “é vagabundo”. Carla mora com Luana há dois anos, no apartamento de Luana, localizado em uma área nobre de São Luís, Renascença.

Embora de classes sociais diferentes, Fabírcia e Carla vivenciaram momentos dramáticos em suas famílias, envolvendo o “lado masculino da família”, pai e irmãos. Fabírcia conta que um dos irmãos, que vivia em um condomínio na área nobre de Teresina, apresentou-lhe uma vizinha, Dara. Fabírcia ficou encantada com a moça e quis se aproximar, sem que seu irmão soubesse. Em uma de suas idas à casa de Dara, foi seguida por seu outro irmão, que já desconfiava do envolvimento da irmã com Dara. Descobriu a relação das duas e ameaçou revelar o segredo para os pais. Fabírcia preferiu, então, revelar o segredo pessoalmente e, com isso, seus pais “tomaram tudo de mim [dela], carro, celular, mesada, cartão”. Seus pais proibiram-na de sair de casa até que se esquecesse “dessas imundícies”. Continuou, no entanto, comunicando-se com Dara através da sua cunhada, que ajudava as duas.

Carla, companheira de Luana, por sua vez, relata muita violência em sua relação com o pai desde sua infância, acentuando-se na adolescência, quando seu pai e seu irmão começaram a se questionar suas “saídas sempre acompanhadas de meninas”. Acrescenta: “depois de grande, ele bateu muito ainda em mim, quando eu saía, eu não podia dizer para onde eu ia, eles não confiavam em mim, meu irmão e meu pai,

como é que eu ia dizer, não podia falar, se eu pudesse eu falava, não podia, aí eu apanhava”. Seu pai ficou sabendo de seus afetos com moças através de um amigo que viu Carla em uma festa na Praia Grande beijando uma moça:

“Minha irmã veio na frente e falou para que eu arrumasse minhas coisas e ir pra casa da Marcela, que era uma colega minha que morava lá perto de casa, que ela morava só, e disse para eu ir porque o pai já sabia de tudo, que tinham falado pra ele”.

Após uma pequena temporada na casa da amiga, Carla volta para a casa dos pais, a convite do pai. Mas, ao chegar lá, descobre que seu pai queria trancá-la em casa. Foi proibida de sair até mesmo para estudar. Entrou em estado de forte depressão...

Tanto para Fabrícia como para Carla, esse foi um momento delicado em que ambas ansiavam por liberdade, o que consistiria em um emprego e moradia própria. Fabrícia conseguiu um emprego “modesto” em um suporte de internet. Diz que isso a salvou, pois passaram a respeitá-la. Carla saiu de casa e para ir morar com Luana.

Enquanto isso, Dara e Luana, viviam momentos bem diferentes. Duas mulheres que representam, nos seus respectivos grupos de amigos, uma certa liderança (Luana parece ser a mentora intelectual do grupo liderado por Natasha; Dara é a líder de seu grupo), ou seja, a palavra final é delas, tanto para a escolha do restaurante da noite e dos bares da madrugada, dos roteiros de viagens e, principalmente, são as conselheiras quando acontecem os desentendimentos. Reiteradamente, encontramos nos discursos de ambas grande importância conferida ao “ser independente” (Dara), “ter um bom emprego” (Dara e Luana) e uma “boa colocação no meio social” (Lu-

ana), portando-se “com discrição” (Dara) em relação a suas vidas amorosas.

A independência para Dara era muito importante, como ela vinha do interior, a referência que ela tinha de gays era “daquelas bichas loucas; as lésbicas bem ‘machocana’ e eu não imaginava me relacionando com tais pessoas”. Quando começou a conhecer “os ambientes” (termo que trouxe de Barcelona) em Teresina, percebeu que tinha “estudantes, pessoas bem sucedidas”, sentiu-se feliz e apostou que somente através dos estudos conseguiria alcançar seus objetivos – dentre os quais, sair da casa da irmã, dentista, com quem morava.

Com a imagem de um pai incentivador que tinha como lema os estudos, Luana procurou seguir à risca seus conselhos. Incisiva e direta, Luana argumenta que a única opção era estudar e ter seu próprio dinheiro, uma vez que não suportava viver sob a dependência de seus pais. Ao falar da família, rememora que “mamãe era o carinho, o coração, a afetuosidade em pessoa, mamãe é um amor; papai era a razão, a motivação, a determinação, o foco, a disciplina”.

Ainda que Dara pregue a “discrição” em relação a Fabrícia, parece gostar de ser uma mulher percebida nas rodas sociais: “eu gosto de chegar aos lugares e ser percebida, que todas saibam quem eu sou”.

Luana dispensa essa postura e quer mesmo é “viver tranquilamente”: não gosta de baladas, sair para beber e nem viver em “grupinhos”, preferindo “curtir mais a relação, sair de vez em quando com os amigos, mas não todo o tempo toda grudada, eu acho que isso é muito coisinha de adolescente eu não tenho saco pra isso mais não”. Natasha é a amiga que “curte baladas”, por estar solteira, já Luana e Carla, e Bárbara e Josiane (a atual namorada) preferem “programas mais calmos”.

Quanto à discrição, Dara e Luana falam

que em seus ambientes de trabalho, lugares conservadores – escolas e faculdades e Tribunal de Justiça – é preferível ser discreto: “como eu trabalho nessas escolas tradicionais da cidade na maioria com adolescentes prefiro não me expor, embora todos saibam” (Dara) e:

“Tenho mais de seis anos de Tribunal; no início ainda perguntaram sobre meus relacionamentos, dei uns cortes, mostrei que eu não queria misturar vida profissional com vida pessoal; hoje em dia ninguém pergunta nada, mas é claro que as pessoas vão especulando” (Luana).

Dara e Luana se apresentam como o “esteio” de suas relações. Dara diz que se sente uma mulher segura e “ser razoável, não compensa, tem que ser boa”, referindo-se a ser uma boa profissional, de ser reconhecida em sua família como “uma homossexual que deu certo na vida”, de chegar em qualquer lugar e ser respeitada e, sobretudo, de ser uma boa companheira. Luana diz que, agora que está estabilizada financeiramente, pode fazer o que fez: convidar Carla para morar com ela antes mesmo de completar quatro meses de relacionamento.

O primeiro relacionamento homossexual de Fabrícia foi com sua atual namorada, Dara, pois antes só tivera relações com homens. Afirma, no entanto, que nunca teve relações sexuais com homens. Ou seja, Dara, além de ser seu primeiro relacionamento homossexual, é também sua primeira parceira sexual. Diz que vivia como uma “patricinha” até se envolver com Dara e seguir os conselhos da companheira sobre a necessidade de conseguir um emprego e ter seu próprio dinheiro. O trabalho ganha relevância para Fabrícia quando conhece Dara e então percebe outra realidade: a de acordar cedo todos os dias, circular em transporte público, pagar

contas, resolver problemas cotidianos... A partir do momento em que começa a intensificar as interações com as amigas que compõem a rede de Dara – financeiramente estáveis, com padrão de vida elevado, funcionárias públicas federais, médicas, advogadas –, Fabrícia percebe que essas moças conquistaram seu espaço através dos estudos e do trabalho: “quando eu me dei conta que estava pegando ônibus, andando no sol e deixando de lado algumas frescurinhas foi mesmo que percebi o tamanho do que sentia e minha família ficou surpresa comigo”.

Se Fabrícia e Dara parecem originárias de famílias relativamente parecidas, de camadas médias, a disparidade parece ser a marca do casal Carla e Luana:

“Eu achei um pouco estranho por causa da idade, eu, uma menina, estudante, ainda não tinha nada, ficando com uma pessoa que já tinha um carro, apartamento... Na verdade, não era a idade, era a questão financeira... Eu não tinha dinheiro, eu fiquei com vergonha, assim, quando eu entrei no carro dela, ela achou estranho, ela me olhou assim porque ela achou muito novinha” (Carla).

O trabalho para Carla toma outro sentido: se para Fabrícia, o trabalho abriu caminho para que voltasse a se entender com seus pais e irmãos, para Carla, o trabalho era uma necessidade libertadora, porque “quando começamos a ficar, no início ela me pediu em namoro, eu falei que eu não queria me magoar porque meus pais me prendiam muito, era difícil pra eu sair de casa e ela já era independente”. Nota-se que ter um emprego, além de proporcionar a independência em relação aos pais, promoveria um pouco mais de conforto e liberdade no relacionamento com Luana.

No que diz respeito à diferença geracional, Fabrícia desconhecia os “ambientes gays”, gostava de festas em boates, ouvia forró e não tinha muita intimidade com as cantoras da Música Popular Brasileira. Quando saiu pela primeira vez com Dara para os encontros que geralmente acontecem na casa de alguma amiga, ela conta que:

“Achei tudo muito estranho, primeiro porque colocaram um DVD, que era uma mulher cantando e todas as mulheres olhando, achando linda, gostosa, maravilhosa... era tudo muito diferente, porque quando eu colocava um DVD de mulher, quem achava bonito eram os homens, lá era tudo ao contrário, aí quando colocava DVD de homens, aí era os homens que ficam olhando, eu comecei a achar aquilo tudo muito estranho. Quando eu vi o primeiro beijo de duas mulheres, olhei para o lado, assim, para não ver porque eu achava tudo esquisito, mas eu não me toquei que eu estava na mesma situação e beijei logo a Dara”.

Uma situação parecida experimentou Carla quando saiu pela primeira vez com Luana. Haviam combinado que Luana passaria de carro em uma rua nas proximidades da casa de Carla para pegá-la, depois passariam no apartamento de Luana, já que queria tomar banho e trocar de roupa antes de seguir para o lugar marcado. Carla conta:

“Eu cheguei lá no apartamento dela, ela começou a falar, falar, falar, falar... pensei, ‘nossa essa mulher fala demais!’ Ela falava de DVD, tem uma Maria Betânia, Vanessa da Mata, e falava e falava; depois ela disse que iria tomar banho, então eu pedi para ela esperar e sentar, aí foi que eu... investi, chegou minha hora quero ser feliz, ainda não fui,

aí eu investi, eu beijei ela, estava tocando Vanessa da Mata, eu beijei, aí foi que rolou”.

Carla conhecia os “ambientes gays” e ia muito à Praia Grande, bairro bem frequentado por homossexuais em São Luís às sextas-feiras. Nesse bairro, encontravam outras propostas culturais como o reggae e o tambor de crioula. Carla e Fabrícia, embora conhecessem esse universo musical de suas companheiras, não o tinham incorporado ainda.

Outro estranhamento diz respeito à relação sexual. Fabrícia relata sua primeira relação sexual, com Dara: “a primeira vez, eu achei tudo muito esquisito, eu pensei, ‘só isso?’”. As primeiras investidas de Carla, antes mesmo de conhecer Luana, também foram “esquisitas”, conforme seu relato: “eu não sabia de nada, nunca tinha ficado com ninguém, nem com outra mulher, não tinha experiência, foi esquisito”.

Voltando à temática da família e da independência em relação aos laços primários, as brigas com o pai, as agressões físicas e verbais, as proibições referentes às saídas de Carla foram inquietando Luana que vinha convidando Carla para morar em seu apartamento. Quando a situação chegou ao limite, Carla resolveu deixar a casa de seus pais, ainda com muitos questionamentos a respeito dessa ruptura:

“Que é que eu vou fazer da minha vida, será que eu vou falar com a minha família ainda? Eu pensei: esse é um momento decisivo pra minha vida, Luana quer pagar minha faculdade e aqui em casa eu não vou conseguir porque eles me tiraram do cursinho pra eu não estudar mais”.

A família insistiu durante um tempo para que ela retornasse, até perceber que sua decisão se mantinha firme. Seu pai nunca

se pronunciava sobre o assunto. Apesar dos desentendimentos, Carla demonstra um grande amor pelo pai, a ponto de, após sua saída de casa, insistir diversas vezes em travar um contato com ele por telefone, sempre em vão. A partir daí, Carla decidiu “romper” totalmente com sua família, sobretudo com seu pai. Contudo, Luana, ao levar Carla para morar em seu apartamento com a intenção de construírem uma relação estável, vem transferindo responsabilidade para a companheira e teme que isso se torne insuportável. Luana diz: “isso pesa muito, não tem como não pesar, e eu sei que eu não posso errar, então, assim, ela saiu de casa não só por mim, porque também estava insuportável pra ela, e ela só tem a mim hoje em dia”. Luana não admite que Carla sofra tanto por sua família, pois acredita que eles não lhe dão e nunca lhe deram o devido valor; ela acrescenta que “se tem alguém errado nesta história não é Carla, eu sempre tento dizer isso pra ela, porque às vezes ela fica com a autoestima lá em baixo”.

A mãe e os irmãos da Carla não deixaram de tentar manter contato e, de vez em quando, marcam encontros. Carla diz: “às vezes, eu vou passar o dia na casa da minha irmã, porque justamente com esse impacto de eu sair de casa, eu sofri com a depressão e síndrome do pânico”. Carla conta que já teve crises de pânico na rua, imaginando que seu pai poderia ter contratado alguém para matá-la. No momento da entrevista, fazia alguns meses que Carla seguia um tratamento psiquiátrico, tomando remédios controlados para combater a ansiedade e o medo, isso fez com que a mãe e os irmãos fossem mais cuidadosos com Carla.

Afirmando que a família é sempre importante na vida de uma pessoa, “ainda mais quando é gay”, Carla quer ter filhos por inseminação artificial: “penso em ter filhos

com a minha companheira... Por que a gente não pode ter uma família? Por que os casais héteros podem ter e nós não podemos? Claro que a gente pode ter”. Família, para Carla, “é uma estrutura de duas mães, ou dois pais, ou um pai e uma mãe, um filho e amor”. Ela considera que existe uma diferença entre as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo e por pessoas de sexo diferente no que diz respeito à aceitação social, mas não relacionada ao funcionamento da família: “a criança não nasce com preconceito, o mundo é que joga preconceito para criança, que impõe o mundo já tem as pessoas, já tem uma vida preconceituosa e isso vai passando de geração em geração”.

A socialização é uma diferença considerada por Carla em relação à diferença entre os filhos criados por casais homossexuais e aqueles criados por casais heterossexuais, já que tudo dependerá da maneira como “os pais passarão os valores, como mostrarão para seus filhos o que é normal e que os relacionamentos homossexuais são normais”. Na contramão do seu desejo por filhos, Luana nunca nutriu esse desejo e diz que é uma mulher individualista e que preserva seu direito de ir e vir: “isso pra mim sempre foi muito certo, mas Carla, tem muita vontade de ter um filho, ela adora criança e tal, então ela vem me buzinando esta história de filho e tal, então é uma coisa que a gente vai tentar conversar, mas, eu não gostaria, não pela criança”.

O contexto em que vive Fabrícia é outro. Paulatinamente, ela foi reconquistando a confiança de seus pais. Aos poucos também, ela passou a frequentar a casa dos familiares de Dara e, no momento da entrevista, já almoçava praticamente todos os dias na casa dos familiares de namorada e até suas roupas eram lavadas pelos empregados de lá! Ainda que o pai de desejo felicidade à filha, não quer contatos com

Dara, apesar de elas estarem se relacionando há sete anos. Fabrícia diz que respeita o posicionamento de seu pai, porque ele passou a respeitá-la e aprendeu a compreender esta restrição.

Fabrícia e Dara moram em um apartamento novo, que compraram juntas – o anterior era de propriedade exclusiva de Dara. Fabrícia pensa em ter filhos e diz: “também porque eu penso assim, só nós duas, nós vamos envelhecer, quem vai cuidar de quem? Normalmente, a gente tem um filho porque no futuro a gente vai precisar dele, não é?”. Ela pensa que para uma família ser completa os filhos são imprescindíveis e, por isso, quer ser chamada de mãe. Porém, assume que tem uma “visão preconceituosa” em relação à família: “não quero meu filho gay não e nem minha filhinha; quero minha filha ‘paty’, arrumadinha, linda, de bolsinha”. A representação que Fabrícia se faz de família está baseada no exemplo de seus pais:

“é porque no meu mundo de antes, hetero, a família é completamente diferente da família homossexual. Significa que família de homo não tem família. A família deles são os amigos porque a maioria da família não aceita”.

Ela teme essa separação com sua família e procura estar em constante contato, porque ela diz que nas famílias que têm pessoas homossexuais, os parentes acabam se distanciando por não aceitarem e, dessa forma, os amigos vão se tornando a família. Fabrícia é categórica: “meus amigos não formam minha família, minha família são meus pais e meus irmãos”. Todavia, ela confessa que esse assunto é delicado e que já se desentendeu com seus pais e percebeu que sua companheira, Dara, era muito mais sua família do que seus pais. Nesse momento, ela percebeu família de outra forma:

“Eu falei para Dara que ela é minha família e eu nunca havia dito isso pra ela eu não sabia que duas pessoas formavam uma família porque pra mim é mais difícil tinha que ter mais gente envolvida na família. E Dara, sempre disse que eu sou a família dela, ela gostou de ouvir isso”.

Dara compartilha com Luana a ideia sobre ter filhos: por se sentir uma mulher livre, teme situações que possam frear esta sensação: “filhos, para mim, sempre tive muito medo e isso é um desejo muito dela, Fabrícia, ela vai ter o filho, mas já estou colocando esse desejo dentro de mim e ver como vai ser, porque eu tenho desejos e projetos que não cabem filhos”. Viajar e conhecer o maior número de lugares possível, eis o grande projeto da vida da Dara: abduzi de muitas coisas por esse desejo, que é o de conhecer o máximo de lugares possíveis na minha vida, começando pelos países que falam espanhol.” Conhecer pessoas, lugares e culturas diferentes é o que Dara procura e, para ela, nesses planos, filhos não cabem: sua família será sempre somente Fabrícia, e nada mais...

Se para Carla houve uma ruptura dolorosa com seus familiares, perceptível pelo sentimento da dor de não falar com o pai, para Fabrícia, a dor se manifestou não por uma forte ruptura, pois, apesar dos dissabores com seus pais, continuam se vendo e se falando, mas sim, pelo fato de não poder fazer de Dara uma amiga de seu pai, de não poder levar Dara para as comemorações familiares, assim como ela comparece às festas da família da Dara.

Dara e Fabrícia contam com uma grande presença de amigos no cotidiano, porque Dara os considera como família, apesar de Fabrícia não concordar. Luana e Carla - juntamente com a gata que criam - preferem levar uma vida mais reservada, sem

muita presença de amigos no seu cotidiano. Luana concebe que a formação de uma família composta “por duas lésbicas é tudo igual, a diferença está como os outros veem”.

Fabília e Carla reconhecem que as influências de suas namoradas (re)direcionaram suas vidas, mostrando outros caminhos, outras possibilidades, para além de outros prazeres. Fabília desabafa: “hoje, olhando para trás, eu me sentia assim fútil, hoje não mais. Hoje eu tenho assunto, tenho conteúdo, antes eu não tinha não. Eu aprendi tudo com Dara sobre cultura, política, economia e outras coisas”. Carla conta que: “Luana é quem paga a minha faculdade de Direito. Eu gosto do curso, mas quem escolheu foi ela pensando que seria o melhor, uma vez, que tem muitas oportunidades de concurso, mas eu queria mesmo era História”.

Vaidosa e preocupada com a aparência física e com o vestuário, a primeira providência de Dara, ao iniciar o namoro com Fabília, foi a renovação do guarda-roupa da namorada. Apesar de não concordar muito, não houve resistência: Fabília considera Dara “a mulher mais bonita de Teresina, estilosa, que chama atenção”.

Nas rodas de conversa com os componentes da rede de amigas de Dara, discute-se música, teatro, literatura, economia e política, como pudemos observar em nossas saídas com o grupo. Fabília teve que se inteirar dos assuntos para ser aceita na rede. Ainda que Dara pareça imperativa em sua imposição de gostos e valores, há flexibilidade para trocas no casal, por exemplo, Fabília foi a um show de Maria Bethânia com Dara, em Fortaleza; “em troca”, Dara foi a um show de Ivete Sangalo com Fabília, em Teresina (Dara diz que “foi uma troca né, apesar de não suportar aquela muvuca”).

Encontramos em Luana e Carla situações parecidas com as de Dara e Fabília. Luana (re)direciona a vida de Carla de forma bem mais direta, sobretudo indicando suas escolhas, por acreditar que serão as melhores para ela: “eu acho que pela minha experiência, pela idade, eu tenho um pouco mais de vivência, vamos dizer assim, mas em alguns momentos eu digo não é melhor tu ir por aqui?”, assim ela me ouve”. Carla não trabalha e passa o dia em casa se dedicando à Faculdade e aos afazeres domésticos, enquanto Luana trabalha. No final do expediente, as duas se encontram na Faculdade. Luana tem controle sobre Carla na escolha do curso e também na cobrança em relação ao desempenho acadêmico, além de pagar o curso (Natasha e Carla não concordam muito com a atitude de Luana em relação a Carla, talvez por acharem que Bárbara é “outsider” demais em relação ao ethos do grupo que compõe a rede).

Se Fabília não apresenta tanto receio quanto ao fato de se submeter à experiência de Dara, Carla mostra-se incomodada com a dominação exercida por Luana. A liberdade e a independência que as duas almejavam em relação às famílias de origem foram conquistadas parcialmente, se levarmos em consideração que, na casa de suas companheiras, outras formas de dependência surgem, seja na forma como Dara regula as vestimentas de Fabília, domestica seus gostos e modos de se portar nos ambientes públicos, viabiliza as viagens do casal e até paga contas do apartamento e combustível para o automóvel, seja na forma como Luana educa Carla ao escolher seu curso por se tratar de um curso que prepara para concursos e para a tão sonhada estabilidade financeira do funcionalismo público e ao controlar seu acesso à família de origem. Carla é dependente de Luana em todos os aspectos: “dependo dela, esse é um problema também pra

mim. Eu tô muito ansiosa e a síndrome do pânico também foi relacionado a isso, eu quero emprego, quero pedir empréstimo, quero montar um negócio”. E desabafa, já no final da entrevista:

“Tô procurando emprego desesperada, e agora é difícil porque eu tô no segundo período da faculdade... ela não quer deixar eu trabalhar porque ela diz que não vai ter como eu estudar, mas ela já tem o dinheiro dela, o carro, eu quero também ter o meu”.

Percebem-se, assim, negociações de responsabilidades e dependências situacionais baseadas – por que não dizer? – em uma economia moral bastante particular. Dara e Luana parecem possuir uma dependência de outro tipo, de cunho afetiva, apesar de camuflarem. Isso vem à tona em acusações por parte das mais novas (Fabrícia e Carla) que dizem que suas companheiras são possessivas:

“Ela me quer assim no cantinho junto com ela, guardadinha, quietinha e assim de manhã ela assiste ao jornal, eu também assisto junto com ela... Quando eu digo que vou para a sacada ler um livro ela pede que eu não vá, pede para ficar fazendo carinho... Eu digo que casamento não é só viver assim grudadinha, tem que ter a individualidade do outro, não é assim, isso que eu falo pra ela, ‘Lu deixa dessa possessividade, essa coisa possessiva, eu respeito teu espaço tu também tem que respeitar o meu’, assim que eu falo” (Carla) .

Dara parece confirmar, em relação à namorada: “hoje mesmo, Fabrícia foi passar a tarde na casa dos pais dela, eu fiquei com uma saudade enorme que fui buscá-la antes da hora combinada, se isso for por

conta dos padrões heterossexuais eu adoro”.

Carla e Fabrícia parecem se incomodar ainda com a maneira como suas companheiras “não se assumem”, apesar de todos saberem de sua homossexualidade. Carla diz: “já pensamos numa união civil, mas a gente tem até um problema com isso, porque ela é muito reservada nas questões da homossexualidade onde ela trabalha, é na faculdade, às vezes as pessoas perguntam, eu quero falar e ela não deixa”. Carla não tem problemas em tornar pública sua relação, mas “por causa dela, não posso, aí às vezes um problema dela me atinge porque eu já me assumi, fiz isso pela nossa relação, não foi por faculdade, não foi por nada, foi pela nossa relação”.

Apesar dessa situação, Carla diz que aceita “porque ela enfrentou muita coisa comigo, quando eu estava dentro lá de casa que meu pai não deixava eu sair e ela podia sair pra onde ela quisesse; ela me respeitava, entendeu, me respeitava eu ficava dentro, em casa, e ela não saía”. Em suas saídas, frequentam a casa de amigas (como Natasha e Bárbara) e bares da orla de São Luís – raramente deixam transparecer que formam um casal, em razão do medo de Luana de que seus companheiros de trabalho a vejam em situações “desconfortáveis”.

Na família da Dara, todos sabem que ela é lésbica, que namora e compartilha a vida com Fabrícia. Um grande desconforto gira em torno da decisão da Dara de não verbalizar, para todos, a relação que tem com Fabrícia. Até mesmo nos lugares que frequentam, Dara geralmente se sente um pouco afastada da Fabrícia. No entanto, Dara argumenta que não precisa dizer o que todos sabem, ela diz que não finge nada, apenas não gosta de estar nos lugares “se agarrando e beijando”.

*

As trajetórias dessas cinco mulheres parecem falar de uma espécie de encenação ritualizada de poder e controle moral. Pertencer ao grupo é legitimar uma ascensão moral, é demarcar uma posição, um status, ritualmente, tornar-se “sujeito” – ou ser relegado à categoria de “objeto”. Torna-se “sujeito” quando se estabelece certa reciprocidade entre valores e desejos, como nos mostra Dara:

“Sempre estamos formando grupos, seja na faculdade, no trabalho, no meio da rua, sempre estamos formando grupos, mas aí vem à pergunta: por que andamos juntas? Como foi que passamos a formar esse grupo? Eu acredito que a primeira coisa que nos uniu foram os valores. A principal característica para uma pessoa ser aceita, sem dúvida, são os valores, gosto de gente decente que é honesta, que tem cuidado com o outro, que tenham valores de berço, pai, mãe, que você percebe na pessoa os valores pelas coisas que ela fala, isso para mim é extremamente importante”.

A respeitabilidade e o reconhecimento – e, por conseguinte, a liderança na rede e a capacidade de legitimar as entradas e saídas e negociar os pertencimentos – assentam-se na conquista do bom emprego, nos estudos bem sucedidos, ter uma boa reputação no meio social, manter-se discreta e sustentar as boas relações de amizade, nos “valores de berço” e na boa família... O que constitui uma forma moral particular. Já a pessoa “fuxiqueira” e “barraqueira” não tem vida longa dentro do grupo, passando do status de “sujeito” para “objeto”.

Lacombe (2009), ao descrever como a economia da sedução lésbica se desenvolve em espaços de sociabilidade cariocas,

menciona que os grupos parecem baseados na solidariedade mecânica. As redes em questão em Teresina e São Luís parecem manter certa moralidade também baseada na solidariedade mecânica, em que o “objeto” consiste em ser uma pessoa que não comunga dos preceitos morais que amalgamam a solidariedade:

“Se você me perguntar sobre qual tipo de gente eu não quero ter por perto é a... [a interlocutora prefere não mencionar o nome da pessoa], é uma pessoa que não consegue fazer ninguém que está ao lado dela feliz, todas as pessoas que conviveram com ela foram infelizes, inclusive as amizades. Ela machuca muito, foi assim com a família dela, com a mãe, os irmãos... Então, uma pessoa que não consegue escutar a própria mãe, nem os irmãos, vai escutar quem? Esses valores que eu tanto falo que tem na família dela e que ela não quis. O tipo de vida que ela gosta de levar, o tipo de programa, o tipo de conversa dela, nada me atrai. Ela é um pessoa super envolvente, mas tem um poder de estragar os sentimentos da pessoa, ela não sabe cuidar das pessoas e esse tipo de gente eu não quero perto de mim. Por exemplo, se ela sai a maior diversão dela é sentar e começar a fala de alguém, ela acha que ela é o centro, a mais bonita, gostosa, ela já foi, mas passou, a pessoa tem que saber conviver com o tempo e ela não aprendeu”.

(Dara)

Através dessas trajetórias que compõem essas redes, tentamos inferir sobre a operacionalização dos códigos de inteligibilidade que referenciam as relações de gênero, transformando-as nos “gêneros inteligíveis” de que trata Butler (1990), o

qual pressupõe uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática sexual. Assim, foi possível confirmar e “sublinhar a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea” (Miskolci 2009:154) no que diz respeito à experiência dessas mulheres que vivem em contexto “periférico”, mecanismos sociais baseados numa maneira particular de organizar alguns princípios morais.

Natasha, Luana e Carla, Dara e Fabrícia, com suas trajetórias ordinárias – por comparação às trajetórias consideradas como “extraordinárias” ou excepcionais, como as de Leila Diniz (Goldenberg 1996), Janaína Dutra (Sampaio 2011) ou Consuelo Caiado (Kofes 2001) – permitem-nos alcançar e entender alguns mecanismos de articulação entre as categorias de diferenciação, princípios morais e estruturas que geram e reproduzem a heteronormatividade e as desigualdades a ela atreladas. Apesar de certo imobilismo que pode advir dessas trajetórias, há lugar para arranjos que destoam do modelo hegemônico e negociações estão sempre em jogo. E arranjos que trazem nova luz sobre os modelos hierárquico e simétrico de Fry (1982b).

Fry legitimou sua escolha por dar ênfase aos sistemas de representações sobre a sexualidade masculina. Emitimos a hipótese de que é possível partir dos sistemas propostos por Fry para refletir também sobre as experiências lésbicas, inclusive em contextos “periféricos”, já que nas trajetórias apresentadas também se percebe a articulação entre representações acerca do “sexo fisiológico”, do “papel de gênero”, do “comportamento sexual” e da “orientação sexual” na constituição das moralidades que estão na base da organização (e da ordenação) das redes de sociabilidades das mulheres entrevistadas.

Essas moralidades têm a ver com o bom e estável emprego, os salários elevados, a valorização da família de origem, a “distinção” (no sentido de Bourdieu 1979) no consumo de bens e serviços, a honestidade – em particular o gosto pelas viagens –, a quantidade de amigos e amigas na rede, a posição social desses amigos e amigas, o reconhecimento da liderança da rede, a duração do relacionamento afetivo, a casa própria, o bom gosto musical (MPB), os “valores de berço” etc. que são elementos que definem a “hierarquia” ou a “simetria” e são acionados para estruturar simbolicamente as relações (morais) que fazem a rede funcionar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida a Fabiano de Souza Gontijo para a realização da pesquisa em questão. Também agradecemos à referida Instituição pela concessão de Bolsa de Mestrado a Pâmela Laurentina Sampaio Reis.

NOTAS

¹A respeito da história dos movimentos e dessas tensões, ver MacRae (1982), Mott (1995), Green (2000) e Facchini (2003).

²Para as referências acerca da genealogia dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil, ver o próprio artigo de Fry (1982b), assim como, os de Arney, Fernandes & Green (2003) e, ainda, para entender a maneira como a obra de Fry abriu novos espaços para a instituição do campo dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil, sobre novas bases teóricas e metodológicas, ver também Facchini (2003) e Carrara & Simões (2007).

³Fry, em seus dois textos fundamentais (1982a, 1982b), explicitou sua opção de cunho metodológico (mas também político) pelo estudo da sexualidade masculina.

⁴Dentre essas dissertações e teses, destacam-se os trabalhos de Almeida (2005), Lacombe (2005), Gomide (2006), Facchini (2008) e Meinerz (2011a, 2011b), para citar somente alguns.

⁵Essa lacuna vem sendo, pouco a pouco, preenchida nesse início da década de 2010 – para citar alguns exemplos, pensa-se no trabalho de Suely Messeder (2012), mas também de alunos e alunas de programas de pós-graduação na área das humanidades em centros universitários das regiões Norte e Nordeste, como o trabalho de dissertação em andamento de Jainara Gomes de Oliveira, no programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação de Mônica Franch.

⁶Para além da teoria das redes sociais tal qual proposta pela Escola de Manchester (aqui representada por Mitchell 1974 Gluckman 1976), tentamos, aqui, dar conta das subjetividades dos sujeitos envolvidos nas redes, o que só foi possível graças ao aporte da metodologia das narrativas biográficas proposta por Bauman (1986) e das etnobiografias proposta por Feal (1990) e o foco nas performances de gênero de Butler (1990).

⁷A partir daqui, falaremos de “camadas médias urbanas” para designar o que Gilberto Velho (1981, 1994, 2002) entendia por essa expressão em seus estudos das décadas de 1970 e 1980 – semelhante ao que Peter Fry está chamando, em seus textos seminiais, de “classes médias” e, até certo ponto, ao que Pierre Bourdieu (1979) designou, no contexto francês, como “pequena burguesia nova”. Trata-se de tentar dar conta de realidades que não são levadas

em consideração pela perspectiva da estratificação social, em virtude da perspectiva das classes sociais e, assim, valorizar, entre outros aspectos, a autorrepresentação desses segmentos, as discontinuidades entre seu ethos e sua visão de mundo, as subjetividades, etc (Salem 1986).

⁸Usamos pseudônimos para preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

⁹Pensa-se economia moral e/ou moralidade não somente como parte de sistemas morais, mas como maneiras de constituir sua própria subjetividade de acordo com as reflexões éticas sobre si e também a partir das performances no seio da rede (Barker 2007).

¹⁰As entrevistas em São Luís foram realizadas em 2012, enquanto as entrevistas em Teresina foram realizadas entre 2012 e 2013.

REFERÊNCIAS

Almeida, G. 2005. *Da Invisibilidade à Vulnerabilidade: percursos do ‘corpo lésbico’ na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e AIDS*. Tese de Doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Arney, L., M. Fernandes, e J. Green. 2003. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. *Cadernos AEL* 10 (18-19):317-348.

Bauman, R. 1986. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bourdieu, P. 1979. *La Distinction*. Paris: Seuil.

Barker, J. (Org.). 2007. *The Anthropology of Morality in Melanesia and Beyond*. Burlington: Ashgate.

Butler, J. 1990. *Gender Trouble: feminism and*

- the subversion of the identity*. Nova Iorque: Routledge.
- Bott, E. 1976. *Família e Rede Social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Carrara, S., e J. Simões. 2007. Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* 28: 65-99.
- Costa, J. F. 1992. *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Facchini, R. 2003. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL* 10, 18/19: 81-124.
- _____. 2008. *Entre Umas e Outras: mulheres, (bomo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
- Feal, R. G. 1990. Spanish American Ethnobiography and the Slave Narrative Tradition: “Biografía de un Cimarrón” y “Me Llamo Rigoberta Menchu”. *Modern Language Studies* 20(1): 100-111.
- Fry, P., 1982a. Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros, in *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. pp. 54-86. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1982b. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil, in *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. pp. 87-115. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fry, P. e E. MacRae, 1983. *O Que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Gluckmann, M. 1976. Prefácio, in *Família e Rede Social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Editado por E. Bott. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Goldenberg, M. 1996. *Toda Mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record.
- Gomide, S. 2006. *Representações das Identidades Lésbicas na Telenovela “Senhora do Destino”*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasil.
- Gonçalves, M. A. et al. (Orgs.). 2012. *Etnobiografia – subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Green, J. 2000. “Mais Amor e Mais Tensão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu* 15:271-295.
- Guimarães, C.D. 2004 [1977]. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Heilborn, M. L. 1996. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social, in *Sexualidades Brasileiras*. Editado por R. Parker, & R. Barbosa, pp. 136-145. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- _____. 2004 [1992]. *Dois é Par: conjugalidade, gênero e identidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Kofes, S. 2001. Uma Trajetória em Narrativas. Campinas: Mercado das Letras.
- Lacombe, A. 2005. *“Pra Homem Já Tô Eu”: masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Landes, R. 1967. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MacRae, E. 1982. Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas, in: *Caminhos Cruzados*. Editado por A. Eulálio et al., pp. 99-111. São Paulo: Brasiliense.

- Meinerz, N. 2011a. *Entre Mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____. 2011b. *Mulheres e Masculinidades: etnografias sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Messeder, S. 2012. Quando as Lésbicas entram na Cena do Cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outra mulheres na heterossexualidade compulsória. *Universidade e Sociedade* 49:152-157.
- Miskolci, S. 2009. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologia* 11(21): 150-182.
- Mitchell, C. 1974. Social Networks. *Annual Review of Anthropology* 3:279-299.
- Mott, L. 1987a. *Dez Viados em Questão: tipologia dos homossexuais da Bahia*. Salvador: Ed. Bleff.
- _____. 1987b. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto Editora.
- _____. 1995. The Gay Movement and the Human Rights in Brazil, in *Latin American Male Homosexualities*. Editado por S.O. Murray. Albuquerque: New Mexico University Press.
- Muniz de Oliveira, J. 1992. *Mulher com Mulher dá Jacaré”: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Parker, R. 1986. Masculinity, femininity, and homosexuality: On the anthropological interpretation of the sexual meanings in Brazil, in *Anthropology and Homosexual Behavior*. Editado por E. Blackwood, pp. 155-164. Nova Iorque: The Haworth Press.
- Perlongher, N. 1987. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- Salem, T. 1986. Família em Camadas Médias: uma perspectiva antropológica. *BIB* 21: 1-80
- Sampaio, J. 2011. *“Eu Sou Aquilo que seus Olhos Veem”: a vida de Janaína Dutra em meandros heteronormativos*. Projeto de Pesquisa, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, Brasil.
- Velho, G. 1981. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1994. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 2002. *Subjetividade e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido em 12/10/2013
Aprovado em 02/03/2014